

A possível não autenticidade de I Tessalonicenses

The possibility of the non-authenticity of the I Thessalonians

Kenner Terra¹

Silvio Gomes²

Resumo: A carta de 1Ts tem feito parte da lista tradicionais de cartas autênticas de Paulo. Apesar disso, ainda hoje, se discute sobre o trecho 2,13-16, no qual onde Paulo faz severas denúncias contra os judeus. Inclusive, acusando-os de terem matado a Jesus. Contudo, esse trecho tem sido normalmente considerado interpolação por alguns autores. Ocorre que há argumentos bem contundentes para considerá-lo parte integrante da carta original. O que pode deixar a carta em suspenso. Esse artigo buscará encontrar em outros trechos da carta algum sinal que torne possível localizar o momento histórico dela. Para tanto, fazendo uso de conquistas do método histórico-crítico e da análise das tradições.

Palavras-Chave: 1Tessalonicenses; Paulo; Parousia; Autenticidade. Autenticidade, Mateus, Paulo, Parousia

Abstract: The 1Ts is in the list of authentic Paul's letter. But, there is a doubt about the part 2,13-16, because Paul says severe accusations against Jews. Paul still calls them Jesus's murderers. There is a doubt because, conform to the currently resources, at Paul's time the relationship between Jews and

Artigo recebido em: 08 de fev. de 2022

Aprovado em: 20 de fev de 2023

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP), membro da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica) e do RELEP (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais), Coordenador da Graduação em Teologia da Faculdade Celso Lisboa.

² Doutorando em Ciências da Religião (UMESP), membro da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica) e do Grupo Rastros - Estudos sobre memórias e tradições cristãs e judaicas.

Jews-Christian was harmonic. But, this session is an interpolation for some scholars. On the other hand, there are good arguments to see that text as authentic. If it is true, then the authenticity of that letter is not safe. This paper will try to find other parts of that letter where it will be possible to determine the historic moment of the writer. For to find it the wins of the Historical-critical methods and the tradition criticism will be used.

Keyword: Authenticity, Mattew, Jesus, Paul, Parousia

Introdução

Proporemos nesse ensaio uma revisão a respeito da discussão em torno da autenticidade da carta de 1Tessalonissences (1Ts). Há ciência do espinhoso caminho devido à ampla aceitação como uma carta escrita/ditada diretamente pelo apóstolo. Não se pretende, aqui, afirmar categoricamente, mas apenas levantar esse debate diante de algumas conquistas, inclusive, por parte daqueles que defendem a autenticidade e a integridade desta carta.

Os argumentos levantados passarão pela análise das tradições, paradigma indiciário e pelas conquistas históricas sobre a relação entre os judeus e os judeus-cristãos. Não se analisará a carta como um todo, mas, especificamente, três trechos. O primeiro é uma já polêmica passagem, na qual Paulo faz declarações bastante contundentes³ contra os judeus (1Ts 2,13-16), que muitos autores defendem como uma interpolação. O segundo se refere à tradição sobre a vinda de Jesus como um ladrão em um momento de paz (1Ts 5,1-3), e o terceiro, ainda no mesmo assunto, o trecho no qual Paulo vincula o ensinamento da vinda de Cristo, antecedida por um toque de trombeta, ao próprio Jesus, como palavras dele (1Ts 4,13-18).

1. A segurança sobre a autenticidade

A despeito da dúvida levantada no século XIX, especialmente por F. C. Baur⁴, Kümmel dizia, em 1973, que o questionamento sobre

³ Para Birger A. Pearson, falar em antissemitismo cristão, ou da origem do antissemitismo no cristianismo seria, inevitavelmente, falar desse trecho - PEARSON, Birger A. 1 Thessalonians 2:13-16: A Deutero-Pauline Interpolation. *Harvard Theological Review*, v. 64, n. 1, 1971, p. 80.

⁴ WANAMAKER, Charles A. *The Epistles to the Thessalonians: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Mich.: W.B. Eerdmans, 1990. p.17

a autenticidade de 1Ts “não encontra adeptos hoje em dia”⁵, Raymond Brown, em 1997, afirmou que a autenticidade desta epístola não é “seriamente questionada”⁶. Helmunt Koester, por sua vez, não questiona essa autenticidade e, junto com Brown, coloca sua datação por volta do ano 50, afirmando que esse seria o documento mais antigo do cristianismo⁷. As discussões a respeito da estrutura da carta têm apontado para a possibilidade de ser uma obra compósita. Earl J. Richard argumenta que esta obra paulina poderia ser a junção de duas correspondências independentes: (1) 2,13 – 4,2; (2) 1,1 – 2,12 + 4,3 – 5,288.

Então, considerando que a autenticidade desta carta seja segura, desde pouco mais da metade do século passado, seria possível encontrar indícios que colocariam isso em xeque neste momento? Ou, de fato, não há nada que possa colocar tal tema sob suspeita, contrariando a Brown, de forma séria? Antes de responder a essas questões, é importante que se entenda que apontar elementos que possam demonstrar que essa carta é mais nova do que se tem considerado não configura um questionamento sobre sua autoridade de Sagrada Escritura para o Cristianismo. Os textos cristãos não perdem sua validade para a fé por conta de ter suas autenticidades criticadas. O cristianismo acredita que o Espírito Santo inspirou o texto escrito e isso não depende de quem foi o escritor. As palavras do autor são inspiradas e, para isto, pouco importa quem ele seja.

Portanto, questionar a autenticidade desta carta apenas busca localizar historicamente os documentos cristãos canônicos. Isso contribui para a melhor compreensão, inclusive, dos temas abordados. Contudo, questionar essa autenticidade é um caminho espinhoso, como já foi dito, diante da total segurança com que a academia tem tratado esse tema, desde pouco depois da metade do século passado. Embora espinhoso, esse é o caminho que este trabalho procura seguir.

1.1 Revisão da autenticidade de um trecho

⁵ KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 334

⁶ BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 609

⁷ KOESTER, Helmunt. *Introdução ao novo testamento, volume 2 : história, cultura e religião no período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 127

⁸ RICHARD, Earl J. *Frist and Second Thessalonians*. Collegeville, MN: Liturgical Pressa, 1995.

Em 1971, Birger A. Pearson questionou a autenticidade de 1Ts 2,13-16, considerando uma interpolação⁹. Em 2019, o tema voltou a ser reapresentado por Matthew Jensen. Ele contribui bastante com o que este artigo procura argumentar. O autor não toma partido, mas elenca quais são os argumentos que fazem com que o a discussão sobre a autenticidade deste trecho ainda se torne relevante. Como sua análise toca no ponto de apenas um trecho, a autenticidade da carta, mesmo que confirmada, recebe contribuições deuteropaulinas. O trecho tratado, como já mencionado, é 1Ts 2,13-16:

Por esta razão é que sem cessar agrademos a Deus por terdes acolhido sua Palavra, que vos pregamos não como palavra humana, mas como na verdade é, a Palavra de Deus que produz efeito em vós, os fiéis. Irmãos, vós fostes imitadores das Igrejas de Deus que estão na Judeia, em Cristo Jesus; pois que da parte dos vossos conterrâneos tivestes de sofrer o mesmo que aquelas Igrejas sofreram da parte dos judeus. Eles mataram o Senhor Jesus e os profetas, e perseguiram a nós. Desagradam a Deus e são inimigos de toda gente. Querem impedir-nos de pregar aos gentios para que se salvem; e com isto encham a medida dos seus pecados, até que a ira acabe por cair sobre eles.

D. Schmidt, citado por Jansen, propõe novos horizontes para análise linguístico-retórica da passagem a fim de demonstra sua não autenticidade, o que romperia com a preocupação com vocábulos e estatísticas. Schmidt afirma:

Essas questões podem ser abordadas de forma diferente hoje do que uma geração atrás por causa dos avanços da linguística contemporânea e das mudanças que a acompanham na compreensão da linguagem e da gramática. O foco contemporâneo mudou significativamente para a sintaxe no nível da frase, o que afeta diretamente a própria definição de "estilo" literário. Uma implicação desse novo foco que gostaríamos de perseguir é a possibilidade de discernir o "padrão sintático" de um texto ou do estilo de um autor. Isso envolveria três níveis de

⁹ PEARSON, Birger A. 1 Thessalonians 2:13–16: A Deutero-Pauline Interpolation. *Harvard Theological Review*, v. 64, n. 1, 1971, p. 79-94.

relações sintáticas: (1) a formação de frases substantivas e verbais, incluindo aquelas tradicionalmente chamadas de "orações", (2) a sequência de frases em uma frase e (3) a conexão entre as frases. Enquanto o trabalho ainda está avançando sobre a melhor forma de formalizar e apresentar esses dados, o esquema aqui adotado nos permitirá fazer algumas observações sobre (1) e focar em (2) e (3)¹⁰.

Antes de exibir as revisões dos argumentos de Jensen, é importante dar valor ao trabalho de Birger A. Pearson que defende esse trecho como uma interpolação que trata de assuntos décadas depois da morte de Paulo:

É dito por Josefo (Ant. 20.200) que a execução de Tiago, irmão de Jesus, pelo sacerdócio saduceu irritou tanto aqueles que eram "estritos na observância da lei" (os fariseus) que alguns deles foram ao encontro do novo governador romano com a notícia, e fizeram com que Ananus fosse deposto de seu sumo sacerdócio. Isso indicaria que os cristãos na Judéia, pelo menos até 62 dC, viviam em harmonia com seus companheiros judeus. É claro que o próprio Paulo encontrou um pouco de hostilidade nas sinagogas da diáspora, mas há, de fato, uma séria questão de quão amigáveis os cristãos na Judéia eram para com Paulo (Rm 15:31)¹¹.

É importante fazer uma pequena ressalva na descrição de Person, pois na década de sessenta não havia "judeus" e "cristão". Na verdade, esse contexto mostra-nos uma realidade de tensão intrajudaica. De fato, é bem atestado, nas pesquisas recentes, de que, antes da queda de Jerusalém, o relacionamento entre os demais grupos judeus e os judeu-cristãos era de cordialidade¹². Logo, quando o texto

¹⁰ SCHMIDT, D. 1 Thess 2:13-16: Linguistic Evidence for an Interpolation. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 102, N. 2 (Jun., 1983): pp. 269-279. p. 271.

¹¹ PEARSON, Birger A. 1 Thessalonians 2:13-16: A Deutero-Pauline Interpolation. *Harvard Theological Review*, v. 64, n. 1, 1971, p. 87.

¹² É importante explicar o que se quer dizer com "harmonia" ou "cordialidade" entre os grupos judeus. Não se quer dizer que não havia conflitos, acusações e disputas. Porém, tudo isso se encontra dentro de um mundo de cultura judaica. O judaísmo compreendia que debater, discutir,

coloca Paulo com palavras tão agressivas contra os judeus, e de forma generalizada, há de se desconfiar se esse texto está testemunhando o mesmo contexto em que Paulo viveu.

Se fosse possível localizar o momento em que esse trecho melhor corresponde a alguma realidade histórica, para o autor, seria no período da escrita do evangelho de Mateus¹³. Embora essa ideia seja defendida por Pearson, pode-se lançar mão de Overman, que percebe uma tensão e perseguição entre as comunidades do judaísmo fariseu e do judaísmo mateano, o que acaba por enriquecer o argumento de Pearson:

De acordo com Mateus, os líderes corruptos do seu ambiente receberam o envio dos escribas, e esses escribas verdadeiros foram rejeitados, perseguidos e flagelados em "vossas sinagogas" (23:34). Esses escribas, que foram enviados por Jesus são, na opinião do evangelista, ativos na comunidade de Mateus. Mas foram rejeitados e perseguidos. Os ensinamentos dos escribas de Mateus encontraram séria oposição dos escribas dos fariseus e nos locais de reunião dos oponentes judaicos¹⁴.

Logo, o clima de disputas faz sentido neste período. Mas Pearson tem outras razões para rejeitar esse trecho como paulino: em 1 Cor 2,8, Paulo responsabiliza os poderes romanos pela crucificação de Jesus; Paulo parecia estar bastante orgulhoso do fato de ser judeu, de forma que não se colocaria como um não judeu, rejeitando sua identidade, como parece fazer nesse trecho; a teologia de Paulo costuma indicar que Deus aguarda a conversão do seu povo, ou seja, nunca o abandonará¹⁵.

Mas, ao que parece, esses argumentos não foram suficientes para entender, ao menos, esse trecho como não paulino, já que textos

gerar conflito com um mestre ou um grupo de seguidores era dar a devida atenção e respeito a este grupo. A tensão, portanto, não tinha o peso que veio a ter depois de 70, quando expulsões da sinagoga começaram a ser realizadas. O debate, a discussão, como diz Neusner, é um gesto de respeito, dentro da tradição judaica – NEUSNER, Jacob. *A rabi talks with Jesus*. Nova York: Doubleday, 1993, p. 30

¹³ PEARSON, 1971, p. 87

¹⁴ OVERMAN, J. Andrew, *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Matesu*, São Paulo: Loyola, 1997, p. 118

¹⁵ PEARSON, 1971, p. 8, 9

mais novos, como de Raymond Brown, já citado, afirmam que não há nada de sério que questione a autenticidade dessa carta. Wanamaker também insiste na defesa da integridade e autenticidade, contrariando a proposta de interpolação, afirmando que 2:13-16 é uma digressão retórica que conecta 2:1-12 com 3:1-10. Sobre esse trecho, inclusive, Brown argumenta:

No pensamento de Paulo, os judeus invejosos de Tessalônica, que afligiram tanto a ele quanto àqueles que acreditaram em Jesus, representariam o que Rm 11,25 chama de aquela porção de Israel sobre o qual o “endurecimento” (= a “ira” de 1 Tessalonicenses) viera. Se, antes da chegada de Paulo, os judeus que observavam a Lei tinham atraído alguns gentios tementes a Deus e mulheres importantes (At 17,4), compreensivelmente pode ter-se enfurecido quando seus conservos passaram para a proclamação do Messias, que não exigia a observância da Lei¹⁶.

O que Brown parece ignorar é a presença da referência à perseguição das comunidades da Judeia. Isso é completamente irreal, em termos históricos. Paulo está falando de um nível de perseguição que os coloca como inimigos que merecem e terão sua punição. Está para além de adversários teológicos, porém, cordiais. A respeito dessa discussão, Crossam e Reed afirmam:

Esta passagem é, provavelmente, inserção pós-paulina que assume a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. e a ruptura definitiva entre a assembleia cristã e a sinagoga judaica em Tessalônica e já Judeia. Note como “os judeus” são malevolamente culpados pela execução de Cristo e dos profetas, pela expulsão dos apóstolos, e pela oposição à salvação dos gentios. Quem fez essas afirmações esqueceu-se de que Jesus, Paulo e os apóstolos também eram judeus. Depois do ano 70 d.C., a palavra “judeus” passou a significar “os outros” em oposição aos cristãos tornando-se conceito mais teológico do que histórico. A expressão “até que a ira acabe por cair sobre eles”

¹⁶ BROWN, 2012, p. 161

referia-se à destruição de Jerusalém e de seu Templo no ano 70 d.C. como punição de Deus¹⁷.

Há um trecho no Novo Testamento em que os judeus recebem a culpa, ou o castigo sobre a morte de Jesus e não está datado antes de 70. Seria o texto de Mt 27,24-25:

Vendo Pilatos que nada conseguia, mas, ao contrário, a desordem aumentava, pegou água e, lavando as mãos na presença da multidão, disse: “Estou inocente desse sangue. A responsabilidade é vossa”. A isso todo o povo respondeu: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

Curiosamente, o trecho que faz alusão à destruição de Jerusalém como consequência do castigo dos judeus ao assumirem a culpa pela morte de Jesus está, justamente, localizado no mesmo período no qual o trecho “paulino” fica melhor situado, para os que defendem uma interpolação – ou, no caso deste trabalho, para os que defendem que a carta é do período do evangelho mateano. Como já dito, Jensen fez um balanço dos argumentos sobre como esse trecho pode ser considerado deuteropaulino. A partir de agora, esses argumentos serão visitados. Contudo, há outros, para além desse trecho, que precisam ser observados e o serão depois dos principais argumentos da pesquisa de Jensen serem abordados.

Jensen vai falar que alguns autores apresentam problemas literários ou da crítica das formas, para justificar esse trecho como interpolação¹⁸: Paulo não possui ações de graças duplicadas nas outras cartas, aqui, porém, nesse trecho, já se apresenta a segunda ação de graça. Quem segue esse argumento compreende que existe uma passagem mais suave e com um melhor sentido de 2,12 para 2,17. Portanto, todo o trecho seria uma interpolação. Contra essa posição, ele argumenta:

Embora as cartas de Paulo tenham uma estrutura semelhante, ele não está preso à forma servilmente, mas as modifica para alcançar seu propósito. Por exemplo, a carta aos gálatas não tem ação de graças

¹⁷ CROSSAJ, John Dominic; REED, Jonathan L. Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 115

¹⁸ JENSEN, Matthew. The (In)Authenticity of 1 Thessalonians 2.13-16: A Review of Arguments. *Currents in Biblical Research*, v. 18, n. 1, 2019, p. 61

(...). Assim, em 1 Tessalonicenses, Paulo poderia estar usando uma estrutura diferente com duas ações de graças. De fato, o bom relacionamento dos tessalonicenses poderia ter estimulado Paulo a agradecer em dobro, em contraste com o tom polêmico da carta aos gálatas que não contém ações de graças¹⁹.

De fato, usar ideia de que Paulo está preso à sua própria forma de escrever não parece ser suficiente para justificar uma interpolação. A ausência de ações de graças na carta aos gálatas deveria, então, colocar em xeque a sua autenticidade. Logo, o argumento da presença das duas ações de graças não pode funcionar como defesa em um lado e não servir de desconfiança em outro. Colocar um autor, quer tenha sido Paulo, quer não, de uma carta plural, principalmente, como que “escravo” de sua forma de escrever, não parece o melhor caminho para definir sua autoria. Uma coisa é construção das palavras, da argumentação e o raciocínio. Outra coisa é o desenho da carta. Ademais, esse pormenor das cartas paulinas pode, muito bem, ser copiado por um outro autor mais hábil, o que se correria o risco de atribuir cartas deutero-paulinas ao apóstolo.

O segundo ponto importante, para alguns autores, que demonstra que esse trecho é uma interpolação, pode ser agrupado na expressão “Problemas gramaticais e sintáticos”, segundo o próprio Jensen. São argumentos que procuram demonstrar que a construção dessa passagem foi artificialmente ligada a textos preexistentes da carta:

Primeiro, a conjunção καὶ (‘e’) que abre 2.13 não é usada em nenhum outro lugar em 1 Tessalonicenses para conectar sentenças matriciais. Em segundo, nenhuma outra carta indiscutivelmente paulina usa a combinação καὶ διὰ τοῦτο (‘e por causa de’). Ela ocorre em 2 Tess. 2.11, mas esta ocorrência não paulina é uma imitação de 1 Ts 2.13. Terceiro, 1 Tes. 2.13-16 tem sete níveis de incorporação, mais do que qualquer outro verso na seção de 1.2 – 3.10. Quarto, a separação de ‘Senhor’ de ‘Jesus’ pelo particípio ‘matar’ na frase τὸν κύριον ἀποκτείναντων Ἰησοῦν (‘matar o Senhor Jesus’) não é paulina. Quinto, a frase τῶν ἐκκλησιῶν τοῦ θεοῦ τῶν οὐσῶν ἐν τῇ ἰουδαίᾳ ἐν χριστῷ ἰησοῦ (das igrejas de Deus aqueles

¹⁹ JENSEN, 2019, p. 61

que estão em Judeia em Cristo') é uma exagerada construção paulina. Além disso, a separação de 'igrejas' de seu substantivo principal 'imitação' pelo vocativo em 2.14 (μιμηταὶ ἐγενήθητε, ἀδελφοί, τῶν ἐκκλησιῶν) ('tornaram-se apenas imitadores, irmãos, das igrejas') não é uma característica paulina. Ocorrendo, talvez, uma vez em outro lugar, em uma variante textual de 1 Coríntios. 15.31. Finalmente, a frase participial em 2.13 παραλαβόντες λόγον ἀκοῆς παρ' ἡμῶν τοῦ θεοῦ ('recebendo a palavra de Deus ouvida de nós') é um amálgama de várias construções paulinas diferentes, cada uma encontrada em algum lugar do corpus paulino, em si, não é típico da sintaxe paulina²⁰.

Em resposta ao primeiro argumento desse bloco, Jensen cita um artigo de Weatherly, publicado em 1991, onde ele demonstra que o uso da conjunção, para introduzir ou unir sentenças, é muito comum em inúmeras cartas paulinas (JENSEN, 2019, p. 64): Rom. 1,28; 2,27; 3,8; 5,16; 9,29; 11,9; 13,11; 15,10; 11; 12,12; 1Cor 5,2; 6,2; 2,11; 7,17; 12,16; 26; 12,28;12,31; 13,2; 14,32; 2 Cor 1,7;1,15; 2,3, 16; 7,15; 8,10; 11,14; 12,3;12, 9; Gl 6,16.

Mesmo que tais ocorrências não sejam comuns, o argumento parece ser muito pouco para sustentar uma interpolação. Mesmo que fosse suficiente e conseguisse provar, por essa análise, que o texto é externo à carta, não sustentaria ser essa interpolação não paulina. O mesmo ocorre no segundo argumento que, inclusive, cria um problema a mais para quem procura defender como interpolação de autoria distinta:

Se a ocorrência da frase em 2 Tessalonicenses 2,11 for uma cópia de 1 Tessalonicenses, então a interpolação foi inserida muito cedo e antes da escrita de 2 Tess. Além disso, como notado acima, essa objeção é novamente baseada na conclusão de que 2 Tessalonicenses é não paulina. Poderia não ser o caso, então não apenas esse argumento é nulo como evitável, pois pode ser usado como apoio para a autoria paulina de 2 Tessalonicenses²¹.

²⁰ JENSEN, 2019, p. 63

²¹ JENSEN, 2019, p. 64

Mais uma vez se está diante de um argumento que não se sustenta e que pode ser usado contra ele, como Jensen demonstra, ao citar a posição dos autores contrários à ideia. Existem outros argumentos no artigo de Jensen. Cada um deles tem sua contradição específica, demonstrando que não há apoio seguro para defender uma interpolação nesse texto.

Aqui, neste trabalho, assume-se que não há uma interpolação e esse trecho está no lugar que sempre esteve. A partir disso, surgem as perguntas: se essa passagem sempre esteve aí, então, Paulo teria realmente considerado os judeus inimigos de todos? Ou será que se está diante de uma carta íntegra que foi escrita após a morte de Paulo, no período em que vivia a comunidade do evangelho mateano?

1.2 Insegurança sobre a autenticidade

Uma questão que precisa ficar clara é que, realmente, é minimamente estranho que Paulo acuse os judeus de terem assassinado Jesus, ainda, que tenha uma posição tão radical contra alguns deles – lembrando que o mesmo Paulo nasceu, viveu e morreu judeu. Nenhum autor, por mais que defenda a posição tradicional, encara de forma convincente essa parte, posto que há inúmeras “versões” para essa suposta atitude paulina: inveja dos judeus²²; ataques diretos contra Paulo, por parte dos judeus²³; uma criação de um mito fundante²⁴. Outro argumento que tenta dar conta dessa postura violenta contra os judeus, acusando-os e, ao mesmo tempo, prevendo sua condenação, é exposto por Wanamaker. Dialogando com Pearson, explica que a Rm 9,1 e 11:26 usados pelo seu interlocutor para provar que Paulo nunca contemplou a rejeição final do povo judeu implícita em 1 Ts. 2:16 é problemático em dois aspectos. Em primeiro lugar, a compreensão de Pearson, segundo Wanamaker, de *ἔφθασεν δὲ ἐπ’ αὐτοὺς ἡ ὀργὴ εἰς τέλος* é incorreta. Tanto em 1 Tessalonicenses quanto em Romanos, a “ira” tem referências presentes e futuras. Assim, a passagem não excluiria a possibilidade de que Deus finalmente ser misericordioso com o povo judeu.

²² BROWN, 2012, p. 161

²³ KÜMMEL, 2009, p. 331

²⁴ ROLLES. Sarah E. Inventing Tradition in Thessalonica: The Appropriation of the Past in 1 Thessalonians 2:14–16. *Biblical Theology Bulletin*; v. 46, n. 3, 2016, p. 127-130.

Segundo ele, Εἰς τέλος não implica a finalidade da ira que veio sobre o povo judeu, mas essa ira veio sobre eles “até o fim”. Além disso, para Wanamaker Pearson parece presumir que Romanos 9–11 representa uma parte fixa da teologia paulina sobre o assunto de Israel que o apóstolo manteve durante todo o seu ministério. Mas Romanos 9–11 é uma apresentação contextualmente determinada dos pensamentos de Paulo sobre o povo judeu, escrita quando o evangelho estava começando a se espalhar mais rapidamente entre os gentios do que entre o povo escolhido de Deus²⁵. Assim, ameniza-se, mesmo que superficialmente, a crítica ou tensão com o judaísmo pressuposta na períclope.

Paulo se identificava como judeu e, inclusive, esperava pela sua redenção e não pela sua condenação – como esse trecho faz entender. Do mesmo modo, não há indícios de uma perseguição contra os cristãos da Judeia. De fato, se alguém pode falar de perseguição na Judeia, nesse período, só se poderia falar do próprio Paulo como perseguidor. Todavia, ao que parece, o perseguidor Paulo, que assolava a igreja, está muito mais próximo de um adversário ideológico do que aquele “respira ameaças de morte” (Atos 9,1), idealizado e exagerado nas linhas de Lucas, em Atos dos Apóstolos. A história apoia isso, na existência de pesquisas que mostram a convivência cordial entre demais judeus e judeus seguidores de Jesus.

Win J. Weren, na sua tese sobre a formação do evangelho de Mateus, vai dizer que há, dentro do evangelho, materiais que podem datar antes de 70 e que apontam para essa harmonia:

Nos anos anteriores a 70, muitos seguidores de Jesus, que eram judeus, se consideravam plenamente como membros da comunidade judaica, que formava um todo multiforme com inúmeros subgrupos e movimentos contemporâneos. Esses seguidores de Jesus foram aceitos por outros judeus sem qualquer questão substancial. (...) este grupo pertencia ao contexto Judaico mais amplo e não se percebia como liderando um novo movimento religioso²⁶.

²⁵ WANAMAKER, 1990, p. 31.

²⁶²⁶ WEREN, Wim J.C. *Studies in Matthew's Gospel : Literary Design, Intertextuality, and Social Setting*. Leiden: Brill, 2014, p. 253-254

Para o autor, há alguns sinais que podem justificar essa harmonia: Jerusalém era a cidade santa para eles (4,5); pagavam o imposto do templo (17,24-27); eram assíduos nos ritos realizados nos templos e em outras reuniões religiosas (5,23-24); a Torá era sua norma (23,23; 5,18-19); e sua vida piedosa se baseava nas três ações judaicas (6,1-18): dar esmolas, orar e jejuar²⁷. Portanto, é imperativo que se coloque esse trecho do tópico anterior em um tempo mais tardio e que se reinterprete essa perseguição de Paulo contra as igrejas. O próprio afirma que as igrejas da Judeia não o conheciam, apenas ouviam falar sobre ele, antes de se converter ao judaísmo-cristão, segundo Gl 1,22-24: “E não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo; Mas somente tinham ouvido dizer: Aquele que já nos perseguiu anuncia agora a fé que antes destruíra. E glorificavam a Deus a respeito de mim”.

Portanto, ao deslocar esse trecho, necessariamente, ou muito provavelmente para um tempo pós 70, onde é amplamente apoiado entre os pesquisadores que havia uma perseguição e uma disputa entre as duas correntes judaicas (farisaicas e seguidores de Jesus), se alcança um sentido melhor, a esse texto. Contudo, se faz necessário observar outros lugares na carta que possam justificar esse deslocamento da obra inteira, já que existem os que consideram apenas esse trecho, do tópico anterior, como tardio. E este é objetivo deste tópico.

2. O ladrão na noite

Na carta, no capítulo 5,1-3, Paulo apresenta um ensinamento a respeito da vinda de Jesus:

No tocante ao tempo e ao prazo, meus irmãos, é escusado escrever-vos, porque vós sabeis, perfeitamente, que o Dia do Senhor virá como ladrão noturno. Quando as pessoas disserem: paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderão escapar. Vós, porém, meus irmãos, não andais em trevas, de modo que esse Dia vos surpreenda como ladrão; pois vós sois filhos da luz,

²⁷ WEREN, 2014, p. 254

filhos do dia. Não somos da noite e nem das trevas.
Portanto, não durmamos, a exemplo dos outros;
mas vigiemos e sejamos sóbrios.

O ensinamento da vinda de Jesus como um ladrão não se encontra em nenhum texto paulino, sendo encontrado apenas nas obras datadas depois de 80, inclusive com a exortação à vigilância, presente no texto “paulino”. Mateus 24,42-44: “Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis”. Lucas 12,39-40: “Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa. Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais”. 2 Pedro 3,10: “Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão”. Apocalipse 3,3, afirma: “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E, se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei”. Apocalipse 16,15: “Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas”.

Não se pode afirmar que Paulo não conhecia essa tradição simplesmente porque não a cita em nenhuma outra carta. O argumento não pode se limitar a isso, pois as cartas de Paulo não são suficientes para expor todas as tradições conhecidas por ele. Portanto, mais do que afirmar que não há registro em textos paulinos – ou até mesmo no evangelho de Marcos, em 70 – é preciso encontrar uma razão que justifique o aparecimento dessa tradição nas obras pós 80. Caso contrário, esse indício não chegaria nem mesmo a ser considerado um indício.

Por isso, há grande possibilidade de localizar a carta no período em que o ensinamento da vinda de Jesus como ladrão a noite se tornou comum e uma “unanimidade” nas igrejas judaicas e gentílicas.

É bastante seguro de que as comunidades judaico-cristãs do tempo dos apóstolos (antes de 70) tinham uma expectativa para a vida de Jesus de forma iminente. Este tema, inclusive, foi abordado por

Marcos, que vivia um momento de intensa batalha e sensação apocalíptica real, com a guerra de Jerusalém contra Roma. Diferente da chegada de Jesus como um ladrão, de forma inesperada, há sinais que antecedem e apontam para a chegada dele, segundo Mc 13,24-27

O sol se escurecerá e a lua não dará sua luz, os atos cairão do céu e os poderes do céu serão abalados. Então eles verão “o Filho do Homem” chegar em nuvens com grande poder e glória. Ele enviará os anjos e recolherá seus eleitos dos quatro ventos, desde os confins da terra até os confins dos céus.

Crossan é um dos autores que compreendem que Marcos está lidando e, inclusive, ensinando sobre essa possibilidade a partir dos sinais que a guerra tinha trazido. Para ele:

Marcos esperava isso para breve. Depois da passagem sobre a vinda do Filho do Homem, informa que Jesus disse: “Quando virdes essas coisas acontecendo, sabeis que ele [presumivelmente o Filho do Homem] está perto, junto aos portões. Em verdade vos digo: esta geração não passará sem que tudo isso aconteça (13,29-30)”²⁸.

Crossan entende que isso quer dizer que Marcos esperava a vinda de Jesus Cristo para a qualquer momento. De fato, a ideia de que será dentro dessa geração demonstra uma preocupação real de que o clima apocalíptico, causado pela guerra – onde, segundo Crossan, um total de judeus mortos se aproxima do percentual de mortos no Holocausto, sob Hitler (CROSSAN, 2007, p. 104) – parece apontar para uma vinda próxima demais. Caso se interprete de forma não apocalíptica e um pouco mais literal, há razão para dar a Crossan. Contudo, é possível compreender que Marcos coloca essa mensagem na boca de Jesus e, talvez, “geração” precise ser interpretada de forma apocalíptica e não literal. Não sendo, porém, a preocupação deste trabalho.

Aqui importa demonstrar que a vinda de Jesus seria antecedida por um sinal que não tinha ocorrido ainda, mesmo durante a guerra. Isso surge como um ensinamento que Marcos busca rejeitar: a de que

²⁸ CROSSAN, John Dominic; BORG, Marcus J. A última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007, p. 106

Jesus está vindo e que a guerra judaica é o sinal do fim. Kümmel vai falar sobre isso: “Marcos alerta claramente contra o erro que proclama o início do fim já em ação (13,6s.21-23) e substitui a expectativa próxima com a indicação de uma proximidade do fim não sujeita a cálculo”²⁹.

Marcos não poderia ser mais claro: “Quando ouvirdes falar de guerras e rumores de guerra não nos alarmeis: é preciso que aconteçam, mas não é o fim. (...) Então, se alguém vos disser ‘Eis o Messias aqui!’ ou ‘Ei-lo ali!’, não creiais” (Mc 13,7-21). A ideia da chegada a qualquer momento, antecedida por uma guerra e, no caso, pela guerra judaica, é desencorajada por Marcos – contrariando, assim, o entendimento de Crossan. E aqui, provavelmente, nasce o ensinamento que mais tarde ganharia a comparação com o ladrão na noite.

Pode-se, todavia, notar a mudança de tom de Marcos: de uma expectativa calculável para uma que é impossível de ser prevista. Um ensinamento sobre a chegada de forma inesperada, onde sinal algum poderá ser claro (daí a necessidade de interpretar não literal os acontecimentos astronômicos e mesmo a ideia de “geração”). Isso pode ser visto em Mc 13,32-37:

Quando à data e à hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus nem o Filho, somente o Pai. Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento. Será como um homem que partiu de viagem: deixou sua casa, deu autoridade a seus servos, distribuiu, a cada um, sua responsabilidade e ao porteiro ordenou que vigiasse. Vigiai, portanto, porque não sabeis quando o senhor da casa voltará: à tarde, à meia-noite, ao canto do galo, ou amanhã, para que, vindo de repente, não vos encontre dormindo. E o que vos digo, digo a todos: vigiai!

A vinda de Cristo, portanto, deixa de ser calculável e passa a ser a qualquer momento e há grande necessidade de vigiar. É preciso considerar que esse ensinamento é “novo”. Marcos está lutando contra os pregadores que ensinam que Jesus está vindo logo e usam a guerra judaica como um sinal dessa vinda. É aqui que surge a ideia de vigilância, pois, diferente do que os pregadores cristãos adversários de Marcos diziam, essa chegada de Jesus pode ocorrer a qualquer hora.

²⁹ KÜMMEL, 2009, p.110

Não há outro momento histórico que justifique a criação dessa mensagem senão a rejeição de uma vinda a partir dos sinais que os pregadores ensinavam ser mais do que perceptíveis: atuais, seguros e garantidores. Ao que parece, Mateus, que recebe essa tradição marcana – não necessariamente dependência literária – possui um acréscimo que deixa o texto mais urgente do que o ensinado por Marcos. O evangelho mateano é o primeiro registro cristão da comparação da vinda de Jesus como a chegada inesperada, e sem avisar, de um ladrão – se for aceita a ideia de que 1 Tessalonicenses não é autêntica. Talvez, tenha sido, inclusive, o criador dessa doutrina – difícil saber. Mas o registro de Mt 24,42-46 é intrigante:

Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis. Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim.

A ideia de aguardar um senhor que pode chegar a qualquer momento recebe um elemento mais didático: a chegada de um ladrão. Este elemento acaba por substituir completamente o novo ensino marcano e se torna o símbolo de como o Senhor dos cristãos virá. Ao mencionar que Mateus insere a ideia do ladrão, não se foge a possibilidade de ele mesmo ter recebido a tradição desta forma. Entre as obras Marcos e Mateus, o ensino marcano pode ter recebido esse acréscimo, o que tornaria Mateus apenas o relator de uma doutrina já conhecida, contudo, não antes de 70. Derivada de Marcos, portanto, desconhecida por Paulo.

Não se quer, aqui, dizer que 1 Ts depende direta ou indiretamente de Mateus. Apenas este é o ponto mais antigo para o surgimento da ideia de Jesus vindo como ladrão. Mas é bastante intrigante que o trecho antijudaico tenha ligação com o tempo da comunidade mateana, quando o castigo da morte de Jesus tenha sido assumido pelos próprios judeus. Porém, como essa doutrina se repete em Lucas, considerando que Lucas seja uma igreja paulina, não seria inimaginável que este ensinamento que Mateus recebe ampliado

também o tenha chegado dessa forma nas demais igrejas. A comparação com Mateus, todavia, não se limita apenas ao termo ladrão – frisa-se, entretanto, que não se está afirmando uma dependência literária, mas uma curiosa tradição comum: “Quando as pessoas disserem: paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores sobre a mulher grávida; e não poderão escapar” (1 Ts 5,3). “Como nos dias de Noé, será a vinda do Filho do Homem. Com efeito, como naqueles dias que precederam o dilúvio, estavam eles comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não perceberam nada até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na Vinda do Filho do Homem” (Mt 24,37-39:).

Diferente da ideia dos pregadores que Marcos criticava, onde a vinda do Senhor seria antecipada por acontecimentos de guerra, Mateus inaugura (ou transmite) a ideia de que ele virá em um momento em que muitos viverão em paz. Mesmo alerta dado em 1Ts. Se essa consideração poderá ser realizada, então, de fato, o texto de 1Ts pode, portanto, por mais este sinal, ser deslocado para depois de 80. Ao unir esse trecho que, como o do tópico anterior, pode ser deslocado para um ambiente de tensão da época mateana, a carta se mantém com algum sinal de integridade, contudo, sua autenticidade ganha mais um elemento de dúvida. Pois possui, certamente, um dado que só faz sentido depois de 80 e, agora, com a doutrina da vinda de Jesus como um ladrão à noite, provavelmente, recebe outro dado que conduz a carta para o mesmo período.

3. O arrebatamento e as trombetas

Outro ensinamento que parece não estar muito ligado com o tempo do apóstolo Paulo é como se dará esse encontro entre a igreja e Cristo. E aqui, mais uma vez, outra possibilidade que pode apontar para a mesma época da mensagem contra os judeus e a respeito da vinda de Cristo. Falamos de 1Ts 4,13-18:

Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere aos mortos, para não ficardes tristes como os outros que não têm esperança. Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de leva-los em sua companhia. Pois isto vos declaramos, segundo a palavra do Senhor: que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não

passaremos à frente dos que morreram. Quando o Senhor, ao sinal dado à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor. Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras.

Candida R. Moss e Joel S. Baden têm demonstrado que esse trecho possui forte ligação com a tradição rabínica a respeito da Nova Jerusalém que fica nos ares e que, para lá, os judeus iriam voar e encontrar-se nela, a partir da interpretação rabínica de Is 60,8:

Há uma tradição diferente sobre a localização da Jerusalém escatológica, no entanto, que vem do Talmud: 'Rabbah disse em nome de R. Yohanan: No futuro, o Santo, bendito seja ele, erguerá Jerusalém três parasangs de altura, como está dito: "Ela [Jerusalém] se levantará e ficará em seu lugar" (Zac 14,10)... que voam como uma nuvem, como pombas para seus ninhos?"' (b. Bab. Bat. 75b). De acordo com este midrash, como o que acabamos de citar, a inauguração da era escatológica será marcada pela expansão e elevação de Jerusalém no ar; não até o sétimo céu, porém, mas meramente tão alto quanto as nuvens. O midrash assim posiciona o mundo vindouro como um espaço físico flutuando nas nuvens; então levanta a questão de como os justos, uma vez que a escatológica Jerusalém tenha sido levantada, chegarão lá. Já que aqueles que vão participar do mundo vindouro terão que viajar até a cidade, a jornada será dolorosa? De modo algum: voarão como nuvens, como diz Isa 60,8b³⁰.

O fato de encontrar nesse trecho uma ligação com textos rabínicos não defende e nem questiona a autenticidade desta carta. Já que Paulo faz uso de tradições orais do judaísmo do Segundo Templo e, também, todos os demais autores do Novo Testamento – quer para concordar, quer para discordar deles. Cita-se essa questão para demonstrar que essa carta se apoia em tradições judaicas o que, de início, parece ser um problema para o trecho de inimizade com os

³⁰ MOSS, Candida R.; BADEN, Joel S. 1 Thessalonians 4.13–18 in *Rabbinic Perspective*. *New Testament Studies*, v. 58, n. 2, 2012, p. 208

judeus. Contudo, o uso dessa forma de falar pode estar vinculada sim a um judeu criticando outros judeus. João utiliza a expressão “judeus” deste mesmo jeito, como se ele não fizesse parte do grupo – ainda que fazendo. Contudo, a citação desta tradição sobre o arrebatamento não está vinculada apenas a esse ponto que, de verdade, não ajuda em nada a datar esse texto. A ideia da trombeta vinculada a vinda de Cristo está presente em Paulo e em Mateus: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados” (1 Cor 15,51-52). “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mt 24,30,31).

Portanto, 1Ts conhece essa tradição que é bastante antiga. Isso não é suficiente para afirmar ou negar sua autoria paulina. Contudo, há algo diferente em 1Ts em relação ao texto de 1Cor. A tradição citada autenticamente por Paulo, portanto, 1Cor, não vincula esse ensinamento a Jesus, diferente de 1Ts que afirma que o que ele está para revelar aos tessalonicenses é uma lembrança “segundo a palavra do Senhor”.

Quando se parte do princípio de que 1Ts é paulina, tem que se procurar compreender o que Paulo quis dizer com “segundo a palavra do Senhor”. Para sustentar essa datação e autoria, muitas justificativas foram dadas. Thomas Scott Caulley, que aceita a autoria paulina, lista os argumentos que sustentam o que seriam essas palavras atribuídas a Jesus:

A referência em 1 Tessalonicenses 4.15 (“isto nós declaramos a vocês pela palavra do Senhor”, ênfase adicionada) tem sido muito debatida. P. Stuhlmacher argumentou que a frase significa “na autoridade do Senhor”, o que Walter toma como implicando que Paulo não estava citando um ditado do Jesus terreno. Mas S. Kim rebateu de forma convincente que, dentro do contexto mais amplo do material, incluindo 5.2 (o ditado do ladrão da noite), é muito mais provável que Paulo tenha em mente um dito do Jesus terreno, em vez de um oráculo

profético, seja ele próprio ou de um profeta cristão anônimo³¹

Os argumentos de Kim não parecem, contudo, muito convincentes assim. Embora ele perceba uma citação ligada a Mateus, prefere deixar ainda mais antigo e lançar eco com Marcos, no qual existe a imagem da trombeta ou, como no tópico anterior, a vinda como ladrão:

A alta probabilidade de que em 5.1-11 Paulo ecoe pelo menos quatro ditos de Jesus (Lucas 12.39-40/Mt 24.43-4; Lucas 21.34-6; Lucas 12.36-8; Lucas 12.41-8/Mt 24.45-51) fortalece a visão que em 4.13-18 também Paulo ecoa alguns ditos de Jesus. Muitos comentaristas veem em 4.16-17 um eco do dito sinótico do Filho do Homem vindo nas nuvens e enviando seus anjos com um alto toque de trombeta para reunir os eleitos (Mt 24.30-1/Marcos 13.26-7).³⁰ No entanto, Tuckett se opõe a essa visão, primeiro, com base no fato de que a versão de Mateus, mostrando um paralelo mais próximo com 4.16-17, é geralmente considerada uma redação de Mateus do ditado de Marcos. possível paralelismo com 1 Tessalonicenses 4.16-17 é a referência a 'trombeta' em Mateus 24.31. Assim, então, podemos comparar 1 Ts 4.16-17 com Marcos 13.26-27, deixando de fora a referência à trombeta em 1 Ts 4.16, e ainda encontrar um paralelismo suficientemente próximo entre eles tanto na linguagem quanto nas ideias que faz um eco da tradição representado por Marcos 13.26-7 em 1 Tessalonicenses 4.16-17 provável³².

Colocar esse texto – assim como a referência do ladrão – como eco da tradição marcana parece forçar para além das intenções, inclusive, de Marcos. Obviamente, considerando que esse texto seria anterior a Marcos. O contexto do evangelho marcano, como visto, procura mudar a forma como alguns judeus-cristãos estavam interpretando a guerra contra Roma. Sendo assim, faz mais sentido que essa vigilância seja, realmente, de natureza pós 70. No intervalo entre Marcos e Mateus, o texto não apenas ganha a figura da vinda como

³¹ CAULLEY, Thomas Scott, *A Thief in the Night: Paul and Jesus*; Leaven: v. 23, n. 1, 2015, p. 31

³² SEYOON, KIM. *The Jesus Tradition in 1 Thess 4.13–5.11*. *New Testament Studies*, v. 48, 2022, p. 233

ladrão como, inclusive, a tradição já existente das trombetas são adicionadas, tornando duas tradições (trombeta e ladrão) unidas em uma só. Ao que parece, Kim e os outros autores procuram o caminho mais complicado e evitam o mais simples.

Esse caminho mais simples seria a ideia de que existia um dito de Jesus falando sobre isso e este dito permaneceu, de alguma forma na tradição oral. Contudo, se essa tradição fosse antiga, quanto se supõe ser a carta de 1Ts, por que Paulo não atribuiu esse dito a Jesus em 1Cor?³³ Como justificar, também, a diferença da tradição? Em uma tradição, Paulo fala sobre transformação do corpo e em outra fala de voar e encontrar com Cristo nas nuvens – desenho mais parecido com o que Mateus faz em 24,40-41.

Se a tradição, desde o início, possuía um vínculo direto com as palavras de Jesus, Paulo em 1Cor não menciona, o que Mateus, por sua vez, faz e 1Ts também. Porém, é bastante interessante que Paulo chame isso de mistério. Vincule isso a uma revelação que parece oculta dos coríntios. Se 1Cor for mais nova que 1Ts – considerando que 1Ts seria o texto cristão mais antigo – a atribuição dessa tradição como palavras de Jesus em um texto anterior e ocultado no mais novo parece minimamente estranha. Se juntar a isso a tradição judaica de sempre dever ao mestre suas argumentações e recorrer às suas citações, fica mais estranho. Mais provável que uma tradição independente, mais tarde, tornou-se como que vinda diretamente de Jesus. Este processo é testemunhado na pesquisa bíblica na relação entre Tiago e Mateus, por exemplo³⁴.

Não se pode afirmar categoricamente que antes de 80 essas palavras não eram atribuídas a Jesus – embora seja interessante que Marcos não a mencione. Contudo, somados aos outros pontos, 1Ts mais uma vez se aproxima não apenas dos anos 80, mas, também, novamente, da comunidade mateana.

Considerações Finais

³³ Essa pergunta pode parecer inocente, contudo, na tradição judaica se valorizava a necessidade de o discípulo citar as palavras do seu mestre, no lugar de parecer ter sido o autor delas. O próprio Hilel sofreu críticas quando citava livremente a lógica e o raciocínio segundo sua própria análise. Passando a ser respeitado apenas quando fez a citação de seus mestres como prática (TREBOLLE BARRERA, 1995, p. 565).

³⁴ KOESTER, 2005, p. 173

Cada ponto explorado aqui não pode ser considerado de forma isolada. É preciso juntar os elementos para que se tornem, assim, indicações de que a carta de 1Ts pode ser localizada em um tempo bem posterior à morte do apóstolo Paulo. Os pontos vistos foram os seguintes: o trecho contra os judeus; a vinda do Senhor como um ladrão; o arrebatamento pré-anunciando por uma trombeta vinculado como ensinamento de Jesus.

No primeiro ponto, assume-se a posição majoritária daqueles que aceitam a carta como autêntica: não há uma interpolação. Contudo, diferente deles, encontra-se mais sentido situar a perseguição que os cristãos da Judeia sofrem por parte dos judeus em um momento em que isso ocorreu após a disputa entre o judaísmo farisaico e o judaísmo cristão. Situação vivida e registrada pela comunidade de Mateus – a argumentação que tenta suavizar a crítica aos judeus não consideramos sustentável. Posto que, no tempo do apóstolo Paulo havia uma harmonia entre esses dois grupos e os demais judeus. Com a lembrança de que, realmente, em Mateus, são os judeus que decidem assumir a culpa e o castigo que vier, pela morte de Jesus – símbolo maior da perseguição farisaica, no evangelho de Mateus, em harmonia com a perseguição que sua comunidade sofria. Dando total argumento para o autor acusá-los de ter matado Jesus, afinal, o castigo veio com a destruição de Jerusalém.

No segundo, procurou-se demonstrar a grande frequência com que o ensinamento sobre a vinda do Senhor como ladrão na noite está presente e foi bastante consolidado. A importância deste ensinamento possui contraste em relação aos ensinamentos pós 63 e antes de 73 – período da primeira revolta judaica. Onde a guerra contra Roma foi ensinada por muitos judeus cristãos como um sinal da vinda de Jesus. Nascendo na pena de Marcos (provavelmente) o ensino de que a vinda do Senhor, apesar de antecipada por sinais, será impossível de ser calculada. A partir daí, fazendo uso da tradição iniciada no tempo de Marcos, por volta de 80, Mateus registra o ensinamento da vinda do Senhor como ladrão e em um momento de paz que engana aos que não estão vigilantes. Dados que são utilizados pelo autor de 1Ts.

No terceiro ponto, o ensinamento sobre o toque de uma trombeta que antecederá o encontro com o Cristo já pode ser considerado antigo, posto que é encontrado em 1Cor. Porém,

normalmente, 1Ts é datada no ano 50, o que faria com que a fonte de 1Cor fosse pós e não antes de 1Ts. Apesar disso, em 1Cor não há o vínculo desse ensinamento apocalíptico como que vindo diretamente das palavras tradicionalmente atribuídas a Jesus. Pelo contrário, lá, o autêntico Paulo afirma estar trazendo uma revelação. Já em 1Ts essas palavras são atribuídas a Jesus, algo que só acontece em Mateus.

Este último item parece pequeno, se visto isoladamente. Contudo, ao que parece, o autor de 1Ts parece ter nas tradições de Mateus um lugar comum, além de conhecer a situação histórica desta comunidade da Judeia (mateana?). Não seria muito estranho supor que, talvez, o autor possuísse uma proximidade com esta comunidade? Isso, porém, fica difícil afirmar. Por ora, contudo, o que importa é demonstrar que 1Ts possui alguns argumentos vinculados ao trecho contra os judeus que a posiciona, possivelmente, décadas após a morte de Paulo. Sendo assim, talvez, uma carta não autêntica, escrita por um autor próximo ou bem consciente das tradições e da história da comunidade mateana, mas que se sente vinculado a Paulo.

Referências

- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CAULLEY, Thomas Scott, A Thief in the Night: Paul and Jesus; *Leaven*: v. 23, n. 1, 2015, p. 1-9
- CROSSAJ, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CROSSAN, John Dominic; BORG, Marcus J. *A última Semana: um relato detalhado dos dias finais de Jesus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- JENSEN, Matthew. The (In)Authenticity of 1 Thessalonians 2.13-16: A Review of Arguments. *Currents in Biblical Research*, v. 18, n. 1, 2019, p. 59-79.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao novo testamento, volume 2 : história, cultura e religião no período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2009.

- MOSS, Candida R.; BADEN, Joel S. 1 Thessalonians 4.13–18 in Rabbinic Perspective. *New Testament Studies*, v. 58, n. 2, 2012, p. 199–212.
- NEUSNER, Jacob. A rabi talks with Jesus. Nova York: Doubleday, 1993
- OVERMAN, J. Andrew, *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Matesu*, São Paulo: Loyola, 1997
- PEARSON, Birger A. 1 Thessalonians 2:13–16: A Deutero-Pauline Interpolation. *Harvard Theological Review*, v. 64, n. 1, 1971, p. 79–94.
- RICHARD, Earl J. *Frist and Second Thessalonians*. Collegeville, MN: Liturgical Pressa, 1995.
- ROLLES. Sarah E. Inventing Tradition in Thessalonica: The Appropriation of the Past in 1 Thessalonians 2:14–16. *Biblical Theology Bulletin*; v. 46, n. 3, 2016, p. 123-132.
- SCHMIDT, D. 1 Thess 2:13-16: Linguistic Evidence for an Interpolation. *Journal of Biblical Literature*, Vol. 102, N. 2, Jun., 1983, p. 269-279.
- SEYOON, KIM. The Jesus Tradition in 1 Thess 4.13–5.11. *New Testament Studies*, v. 48, 2022, p. 225-242
- TREBOLLE BARRERA, Juan. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1995
- WANAMAKER, Charles A. *The Epistles to the Thessalonians: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids, Mich. : W.B. Eerdmans, 1990. p.17
- WEREN, Wim J.C. *Studies in Matthew's Gospel : Literary Design, Intertextuality, and Social Setting*. Leiden: Brill, 2014.